

O QUILOMBISMO EM ESPAÇOS URBANOS – 130 ANOS APÓS A ABOLIÇÃO



IV SICCAL

[GT 2 - COMUNICAÇÃO, CULTURA E DIVERSIDADE]

Paula Carolina Batista

Universidade de Campinas (Unicamp)

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo pretende investigar como dois espaços culturais da cidade de São Paulo, que se autodenominam “quilombos urbanos”, aproximam-se da ideia de “quilombismo”, cunhada por Abdias do Nascimento. Identificando-se como “quilombos urbanos”, os espaços Terça Afro e Aparelha Luzia, respectivamente nas regiões norte e central da cidade de São Paulo, estão organizados com focos na resistência negra e têm características em comum: são coordenados por negros e oferecem uma programação que aborda questões da negritude. Metodologicamente, será investigado a programação do mês de maio de 2018 desses espaços (mês em que se completou 130 anos da abolição da escravidão no Brasil) se aproxima do conceito de quilombismo de Abdias do Nascimento.

Palavras-chave: Quilombo urbano. Resistência. Quilombismo. Memória. Programação.

This paper aims to explore how two self-denominated ‘urban *quilombo*’ cultural venues in the city of Sao Paulo approach the concept of ‘quilombism’ coined by Abdias do Nascimento. Self-identified as ‘urban *quilombos*’, the venues Terça Afro (‘Afro Tuesday’) and Aparelha Luzia (‘Apparatus Luzia’), respectively located in the city of Sao Paulo’s northern region and downtown, are organized under the goal of being focuses of black resistance and share common features: they are coordinated by black people and offer a programme addressing black topics. As methodology, we investigate how 2018 May Agenda (when the Brazilian Slavery Abolition Act completed 130 years) from each venue relates to Abdias do Nascimento’s concept of ‘quilombism’.

Keywords : Urban *quilombo*. Resistance. *Quilombism*. Memory. Programme.

Este artículo pretende averiguar como dos espacios culturales que se autodeclaran *quilombos urbanos* (cimarrones urbanos), se acercan de la idea de quilombismo acuñada por Abdias do Nascimento. Identificándose como *quilombos urbanos*, los espacios Terça Afro (“Martes Afro”) y Aparelha Luzia (“Casa Operativa Luzia”), ubicados en las regiones norte y central de San Pablo, están organizados bajo la propuesta de ser focos de resistencia negra y comparten características comunes: son coordinados por negros y ofrecen una programación que aborda temas de la negritud. Como metodología, será investigado como sus programaciones en mayo de 2018 (cuando se cumplieran 130 años desde la abolición de la esclavitud en Brasil) se acerca del quilombismo de Nascimento.

Palabras clave: Cimarrones urbanos. Resistencia. *Quilombismo*. Memoria. Programación.

Introdução

“Aquilombar-se” tem se tornado um termo popular entre grupos negros engajados na ideia de resistência da cultura negra brasileira. Para esses grupos, “quilombo” é uma importante tecnologia social de resistência que promove o “estar junto” para ampliar e potencializar saberes, cultura, identidade e histórias ancestrais. Aquilombar-se é, para os negros, um jeito de ser no mundo.

É sabido que o quilombo, no Brasil, tem sua origem no passado escravocrata que vitimou o povo negro. Símbolo máximo de resistência, os quilombos existiram durante a maior parte do período de escravidão e foram o principal elemento a desgastar o sistema escravista no país, assim como fugas, abortos, suicídios, envenenamento e assassinatos dos senhores de engenho e familiares, entre outros atos que se empenhavam em desestabilizar a norma imposta..

A resistência concretizada na forma de quilombo dificilmente recebe o devido destaque na história. Não se sabe contabilizar ao certo quantos haviam e nem qual era a população que vivia nesses focos de resistência, já que isso demonstraria uma oposição ativa ao sistema escravista que, por meio de muita luta dos escravizados, findou-se com a lei Áurea.

Pesquisas dedicadas ao tema mostram que os quilombos, na época da escravidão no Brasil e em muitos países da América Latina, foram um acontecimento *sui generis* na vida nacional, pois negavam a forma de vida imposta pelos senhores da casa grande. Ali, os negros construíram uma sociedade à parte, “como forma de luta contra a

escravidão, como estabelecimento humano, como organização social, como reafirmação dos valores das culturas africanas, sob todos estes aspectos o quilombo revela-se como um fato novo, único, peculiar, uma síntese dialética.” (CARNEIRO; 2001, p. 19).

Sobre a origem desse tipo de sociedade, Kabengele Munanga, antropólogo e professor brasileiro-congolês, em um artigo publicado na revista USP, trouxe conhecimentos sobre a Origem *Histórica do Quilombo na África*. Nesse texto, o teórico afirma que “O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de língua bantu. (kilombo, aportuguesado: quilombo).” (1995/1996, p. 58).

Lá, no continente de origem dos negros brasileiros, o quilombo foi uma associação de homens sem distinção, e seus membros eram submetidos a rituais para se integrarem ao grupo e se transformarem em guerreiros. “O quilombo africano, no seu processo de amadurecimento, tornou-se uma instituição política e militar transétnica, centralizada, formada por sujeitos masculinos submetidos a um ritual de iniciação.” (MUNAGA, 1995/1996, p. 63). Segundo o autor, o quilombo brasileiro é uma cópia do quilombo africano, que surge com o objetivo de se opor ao regime escravocrata, iniciando uma nova sociedade: a dos oprimidos que encontraram na fuga e no quilombo uma nova forma de sobreviver. Desse aspecto de reunião inclusiva nos conta Neusa Maria Mendes de Gusmão em seu capítulo *Herança quilombola: negros, terras e direitos* no livro *Os quilombos na dinâmica social do Brasil*:

Cada grupo social tem, assim, em seu seio, algo irredutível, só seu, que consiste num

investimento inicial de sua existência e de seu mundo, que sempre é ditado por fatores reais, mas que dá a estes sua importância e lugar. Neles se reconhece o conteúdo, o estilo de vida desses diversos grupos. Trata-se, como diria Hegel, de seu “espírito”. Um espírito que lhes configura e dimensiona a existência no interior de um processo historicamente constituído, e marcado por uma singularidade, mesmo que contenha em si elementos fundamentais de uma ordem mais geral, próprios da sociedade inclusiva. (Gusmão, 2001, p. 340).

Naquele espaço de resistência, uma maioria de negros, mas também indígenas, viviam em fraternidade racial. A formação de quilombos é a expressão mais autêntica do povo negro em terras brasileiras. Com o fim da escravidão, o povo negro continuou se aquilombando, processo que pode ser visto na origem da ocupação dos morros e terrenos devolutos que deram origem às favelas, símbolo maior do abandono dos libertos pelo Estado. Contemporaneamente, despontaram os autodenominados “quilombos urbanos” dos quais tratamos nesta dissertação. O povo negro sempre se organizou para constituir comunidades, seja durante ou posteriormente ao período de escravidão; unidos, encontram modos de resistir em meio à sociedade branca.

Teóricos do quilombo

Após o fim da escravidão, houve muita luta para que o negro sobrevivesse na sociedade brasileira e, mais que isso,

fosse integrado a ela. Como a produção de conhecimento não era de domínio dos negros, ideologias racistas se disseminaram, contando suas versões particulares da história do negro no país; com o passar dos anos, porém, estudiosos – principalmente negros – dedicaram-se à tarefa de contar a história pela ótica dos oprimidos. Dessa forma, a história do negro no Brasil passa a ter seus próprios historiadores e analistas, que empregam narrativas e conceitos da vivência negra com teóricos negros que utilizam os métodos científicos aceitos pela academia para construir narrativas e conceitos sobre o período da escravidão no Brasil do ponto de vista do povo negro.

Podemos citar três teóricos principais que se empenharam em estudar os quilombos da época da escravidão e, assim, contextualizaram o conceito e a reaplicação desse fenômeno nos dias de hoje; são eles: Clóvis Moura, Beatriz Nascimento e Abdias do Nascimento.

Clóvis Moura

Conhecido como “o pensador quilombola”, Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003) nasceu no Piauí, tornou-se jornalista, historiador, poeta, sociólogo, professor, escritor e dedicou boa parte de sua vida a construir um arcabouço teórico que desse conta de apresentar o período da escravidão no Brasil pela ótica dos escravizados, desmontando a imagem do negro que sucumbiu e aceitou de forma passiva a submissão ao regime escravista. Era um pensador livre, distante das formatações

da academia; talvez por isso sua obra não tenha, em parte, a devida notoriedade nos meios acadêmicos.

Quanto a seus estudos, podemos dizer que estão voltados principalmente para a organização político-sociológica dos quilombos como importante espaço de resistência, ressaltando sempre que esses espaços se tornaram uma sociedade à parte, negando a sociedade escravista. “Historicamente o quilombo aparecerá como unidade de protesto e de experiência social, de resistência e reelaboração dos valores sociais e culturais do escravo em todas as partes em que a sociedade latifundiário-escravista se manifestou. Era a sua contrapartida de negação. Isto se verificava à medida em que o escravo passava de negro fugido a quilombola.” (MOURA, 2001, p. 105).

Moura, em seus estudos, criou o termo “quilombagem” para ressaltar as atividades de resistência, rebeldia e protestos dos escravizados tendo como núcleo central o quilombo. Esse termo foi de suma importância para dar a verdadeira relevância para a luta empreendida pelos escravos da época, pontuando inclusive a quilombagem como agitação emancipatória que antecede, em muito, o movimento liberal abolicionista:

Entendemos por quilombagem o movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo o território nacional. Movimento de mudança social provocado, ele foi uma força de desgaste significativa ao sistema escravista, solapou as suas bases em diversos níveis – econômico, social e militar – e influiu poderosamente para que esse tipo de trabalho

entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre (MOURA, 1992, p. 22-23).

Segundo Moura, a quilombagem se estabelece como um *continuum* de desgaste permanente às forças sociais, culturais, políticas, militares e econômicas da escravidão e dos seus valores, e reunia diversas ações que tinham como principal objetivo enfraquecer o sistema. “Um processo radical permanente de desgaste do sistema que se articula durante todo o percurso histórico da escravidão no Brasil com a sua dinâmica radical permanente.” (MOURA, 2001, p. 110).

Esse movimento é, na concepção de Moura, um conjunto de ações promovidas pelos negros que poderia culminar no quilombo ou partir dele. A característica principal da quilombagem é o radicalismo “sem nenhum elemento de mediação entre o seu comportamento dinâmico e os interesses de classe senhorial. Somente a violência, por isso, poderá consolidá-la ou destruí-la. De um lado os escravos rebeldes; de outro os seus senhores e o aparelho de repressão a essa rebeldia”. (MOURA, 1992, p. 22-23). Para Moura, somente dessa forma foi possível que esse sistema, paralelo ao regime imposto na época, tenha durado tanto tempo e tido tantos focos de ação.

O quilombo surpreendia justamente pela capacidade de organização e resistência, como sustenta Moura: “destruído parcialmente dezenas de vezes e novamente aparecendo em outros locais, plantando sua roça, construindo suas casas, reorganizando sua vida social estabelecendo novos sistemas de defesa”. (Ibidem, p. 24.) Ou seja, onde existia uma sociedade escravista no Brasil, existia a quilombagem.

Essa abordagem do autor torna-se essencial para compreender o escravo como sujeito ativo durante o regime escravagista, interpretação que nunca fôra dada pelos historiadores. Moura descontrói, com o conceito de quilombagem, a imagem de que o negro aturou os mais de 300 anos de escravidão totalmente submisso ao regime, ou de que só houve um Quilombo do Palmares. “À medida que os cientistas sociais avançam nas suas pesquisas, demonstra ter sido um elemento dos mais importantes no desgaste permanente, quer social, econômico, e militar, no processo de substituir-se o trabalho escravo pelo assalariado.” (Ibidem, p. 30).

O sociólogo e historiador ainda traz, em seus estudos, uma visão sociopsicológica do ser quilombola. A “negação total no seu universo existencial e de trabalho” é o conceito utilizado por Moura para descrever a relação que o indivíduo, agora aquilombado, passa a ter com o trabalho escravo. O ex-escravo se torna um agente rebelde, opondo-se à condição de escravo. “O quilombola era, portanto, um ser novo, contrastado ao escravo e que somente enquanto quilombola podia assim pensar e sobretudo agir.” Disso surge o desejo permanente da manutenção da liberdade.

No regime escravista só pode existir dois cidadãos, o livre e o escravo. O quilombola, que conquistou sua liberdade à força, a mantém com muito apreço; nesse sentido, é preciso ser radical: não cabe meio-termo para se ter a cidadania. “Sociologicamente essa radicalidade surge da impermeabilidade do sistema escravista para com o escravo. É somente no quilombo que ele adquire a cidadania.” (Ibidem, p. 30). A radicalidade transbordava do ser para a terra, negando a lógica de propriedade

privada – os espaços eram sempre ocupados e compartilhados.

Por fim, o quilombo se consagra como uma unidade independente, que tornava dinâmico o sistema oficial e, “ao dinamizá-la [a realidade social], contrapunha-se social, econômica, política, étnica e ideologicamente ao escravismo e contrapunha a ele os novos valores e a nova economia composta por homens livres.” (MOURA, 2001, p. 114).

Entender esse passado do quilombo é muito importante, pois os dois espaços estudados bebem nele para imprimir hoje uma nova concepção de quilombo. Consigo identificar tanto no Aparelha Luzia, quando no Terça Afro, esse local de resistência – não pela radicalidade, mas, num certo sentido, pela rebeldia de manterem, ali, uma organização diferente da estabelecida na sociedade racista, em que o negro não é o protagonista.

Beatriz Nascimento

No livro *Eu sou Atlântica*, o autor, Alex Ratts, narra a trajetória de Beatriz Nascimento e publica seus principais textos. Nele, pude encontrar um pouco da complexidade de uma mulher negra e acadêmica em um espaço dominado por brancos e homens. Ela sempre questionou o fato das pesquisas científicas em sociologia e história estudarem o negro apenas a partir da escravidão, sempre tendo-o como escravo e dificilmente entendendo esse povo como ser humano, detentor de uma história particular.

Maria Beatriz do Nascimento nasceu em Aracaju, Sergipe, em 12 de julho de 1942. Foi uma estudiosa, pesquisadora, autora, teórica, escritora e militante do movimento negro brasileiro. cursou História na Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez estágio em pesquisa no Arquivo Nacional e lecionou História na rede estadual do Rio de Janeiro. “Na Quinzena do Negro, realizada em outubro de 1977, na Universidade de São Paulo, Beatriz Nascimento aparece como conferencista, em processo de reconhecimento público de seus estudos acerca da questão étnico-racial, em especial dos quilombos.” (RATTS, 2006, p. 28).

Ela foi muitas mulheres em uma só. Em *Ori*, documentário de 1989, Beatriz é quem escreve os textos e os narra. Nesse longa-metragem, é possível acompanhar algumas discussões do movimento negro nas décadas de 1970 e 1980, além da teoria que construiu sobre o ser negro atlântico e quilombola. Há poesia em seu texto e narração; juntamente com as imagens e a direção da socióloga e cineasta Raquel Gerber, o filme nos faz mergulhar no que pode ser o quilombo urbano nos dias de hoje.

Em 28 de janeiro de 1995, Beatriz foi assassinada com 5 tiros pelo marido de uma amiga que havia lhe relatado a violência que sofria em casa. Beatriz aconselhou a amiga que abandonasse o companheiro; esse, por sua vez, assassinou a estudiosa por acreditar que ela interferia em sua vida conjugal.

“Beatriz Nascimento foi uma dessas pessoas atravessadas pela angústia daquele famoso ‘resíduo insolúvel’ no processo da modernidade, sobre o qual sociólogos vivem construindo suas teses. Eu a conheci de perto, percebi que ela sabia e sentia que,

no resto insolúvel, parece jogar um certo destino, inaceitável para a consciência da pessoa.” (Ibidem, p. 32). Essas foram as palavras que o baiano, jornalista, sociólogo e tradutor Muniz Sodré, orientador de Beatriz no mestrado em Comunicação Social na UFRJ, escreveu sobre sua orientanda após o assassinato.

No prefácio do livro, Sueli Carneiro assim nos relata a importância do trabalho de Beatriz:

Historiadora, libertou a negritude do aprisionamento acadêmico ao passado escravista, atualizando signos e construindo novos conceitos e abordagens. Assim é a noção de quilombos urbanos, conceito com o qual ela ressignifica o território/favela como espaço de continuidade de uma experiência histórica que sobrepõe a escravidão à marginalização social, segregação e resistência dos negros no Brasil (Ibidem, p. 11).

O conhecimento publicado pela historiadora, tanto em seus textos quanto no filme *Ori*, ajudou a assimilar qual deve ser a compreensão de quilombo nos dias de hoje. Enquanto Clóvis Moura deu o devido valor e percepção para o quilombo e a quilombagem do passado, Beatriz mostra como precisamos compreender o quilombo no presente, e enfatiza que a história do homem negro seja escrita também pelos negros:

“Não podemos aceitar que a História do Negro no Brasil, presentemente, seja entendida apenas através dos estudos etnográficos, sociológicos. Devemos fazer a nossa História, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os,

não os enganando. Só assim poderemos nos entender e fazer-nos aceitar como somos, antes de mais nada pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa História é outra como é outra nossa problemática (Ibidem, p. 38-39).

Beatriz Nascimento faz sua pesquisa focando na ressignificação que o termo quilombo teve ao longo do tempo. Em seus estudos ela aponta que o “quilombo (kilombo), que representou na história do nosso povo um marco na sua capacidade de resistência e organização” é uma tecnologia africana bantu, seu nome vem de Angola e denomina “acampamento de guerreiros na floresta, administrado por chefes rituais de guerra”. (Ibidem, p. 117).

No Brasil, o quilombo passa de “toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (definição de autoridades portuguesas na época da escravidão) para “sistemas sociais alternativos” (ibidem, p. 121). Já nos séculos XVIII e XIX, Nascimento conta que o quilombo se redefine de acordo com a repressão sofrida e localização, porém com destaque para a sua diversidade étnica, tendo Palmares como exemplo. Apesar da falta de registros, o quilombo torna-se um projeto de nação dos excluídos, sua grandiosidade e resistência faz valer o direito ao território, e ela transporta essa relação com o pertencimento da terra para a sua existência: “E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho o direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco.” (Ibidem, p. 59).

É enquanto caracterização ideológica que o quilombo inaugura o século XX. Com o fim do regime imposto, finda a imagem do quilombo como resistência à escravidão.

Mas justamente por ter sido, por mais de três séculos, concretamente uma instituição livre, paralela ao sistema dominante, que sua mística vai alimentar os anseios de liberdade na consciência nacional. Assim é que na trilha da Semana de 22, a edição da coleção Brasileira da Editora Nacional publica três títulos sobre o quilombo, de autores como Nina Rodrigues, Ernesto Enne, e Edison Carneiro. Não deixando de citar Artur Ramos e Guerreiro Ramos, além da versão romanceada um pouco anterior de Felício dos Santos (Ibidem, p. 123).

Segundo a autora, os estudos sobre a existência dessa sociedade de resistência, paralela ao regime escravocrata, fez com que surgisse uma produção intelectual em torno do quilombo:

Este momento de definição da nacionalidade faz com que a produção intelectual se debruce sobre este fenômeno buscando seus aspectos positivos como reforço de uma identidade histórica brasileira. Mas não só nela; em outras manifestações artísticas o Quilombo é relembrado como desejo de uma utopia. A maior ou menor familiaridade com as teorias da resistência popular marcam esta produção, que é inclusive demonstrada em letras de samba. Muitas vezes referidas em instituições escolares. É comum até 1964 a narrativa da história oficial ser encontrada nos livros escolares (Ibidem, p. 123).

Essa visão de identidade brasileira projetada nos quilombos e heroísmo de

Zumbi dos Palmares durou até a década de 1970. Após esse período de ressignificação do quilombo, foi a vez do negro, mesmo imerso em uma ditadura, tomar a voz do discurso e requerer a imagem do quilombo e de Zumbi para si.

Talvez por ser um grupo extremamente submetido e que não oferecia um imediato perigo às chamadas instituições vigentes, os negros puderam inaugurar um movimento social baseado na verbalização ou discurso veiculado à necessidade de auto-afirmação e recuperação da identidade cultural. Foi a retórica do quilombo, a análise deste como sistema alternativo, que serviu de símbolo principal para a trajetória deste movimento (Ibidem, p. 123).

A autora chama essa auto-afirmação com vistas para a ressignificação do passado de “correção da nacionalidade”, em que, pela fragilidade e até ausência de uma consciência de nação e cidadania, rejeita-se o que é nacional e toma-se como símbolo do presente algum símbolo de vitória do passado. “O quilombo (...) volta-se como código que reage ao colonialismo cultural, reafirma a herança africana e busca um modelo brasileiro capaz de reforçar a identidade étnica.” (Ibidem, p. 124).

O quilombo torna-se, então, símbolo de resistência do passado e do presente. Assimilado pelo movimento negro com revisão dos conceitos históricos estereotipados que havia sobre os quilombos e os escravizados, reivindica-se, assim, o 20 de Novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares – maior líder do movimento quilombola – como data nacional a ser celebrada, substituindo o 13 de Maio,

reforçando a luta dos negros no período da escravidão e depois dela. “Durante sua trajetória o Quilombo serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política. Como instituição guarda características singulares do seu modelo africano. Como prática política, apregoa ideais de emancipação de cunho liberal que a qualquer momento de crise da nacionalidade brasileira corrige distorções impostas pelos poderes dominantes.” (Ibidem, p. 125).

O dia 20 de novembro foi assimilado e instituído no calendário cívico nacional como Dia da Consciência Negra ou Afro-Brasileira, pois, na conclusão da autora, o quilombo passou a representar um importante elemento de autoafirmação da identidade negra. “O fato de ter existido como brecha no sistema em que negros estavam moralmente submetidos projeta uma esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural” (ibidem, p. 125). Olhamos, então, para favelas, comunidades carnavalescas, centros de religiões de matriz africana como grandes quilombos contemporâneos que trazem essa imagem de reunião de negros pela resistência.

Por meio dessa ressignificação, apresentada e, ademais, sugerida por Beatriz Nascimento, podemos olhar também para os dois quilombos estudados neste trabalho com essa nova perspectiva. São espaços culturais que, por assumirem essa característica de unir pessoas negras para o diálogo, a valorização da cultura e da memória negra, tornam-se esse quilombo ressignificado, de resistência, para a ressignificação do passado, reforçando a identidade, a cultura e a arte negras. “A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu

quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.” (Ibidem, p. 59).

O autor de *Eu sou Atlântica* ainda reforça que “o processo de constituição de coletividades negras enquanto qualificadoras de um espaço não se extinguiu em 1888 e não está restrito a territórios permanentes. O corpo negro plural constrói e qualifica outros espaços negros, de várias durações e extensões, nos quais seus integrantes se reconhecem. Para Beatriz Nascimento, a África e o quilombo são terras-mãe imaginadas”. (Ibidem).

Abdias do Nascimento

O terceiro e último teórico de quilombos que evoco neste capítulo é Abdias do Nascimento (1914-2011). Assim como os outros autores, Abdias articulou diversas áreas do conhecimento para construir sua teoria sobre o quilombo. Esse político, ativista social, artista plástico, ator, escritor, poeta e dramaturgo, natural de Franca, interior do estado de São Paulo, formou-se em economia na Universidade do Rio de Janeiro.

Vastamente conhecido como fundador do TEN – Teatro Experimental do Negro, Abdias também foi de fundamental importância no campo da militância negra, com destaque para sua participação política na Frente Negra Brasileira, influenciado diversas gerações.

Ao viajar para ao Peru e testemunhar o uso de maquiagem *black face* no espetáculo *O Imperador Jones*, ele se propõe criar

um teatro que valorize os artistas negros. Para tanto, vai viver em Buenos Aires por um ano, estudando no Teatro Del Pueblo. Quando retorna ao Brasil, é preso por protestar contra a ditadura do Estado Novo de Vargas. Na extinta penitenciária do Carandiru, na capital paulista, ele organiza o Teatro do Sentenciado, um grupo de presos que escrevem e encenam os próprios textos.

Em 1944, funda o TEN para a valorização do teatro negro, além de promover aulas de alfabetização e oficinas de iniciação à cultura geral. O grupo estreou diversas peças com direção e até atuação de Abdias. De 1948 e 1951, ele dirige o jornal *Quilombo*, que divulga as atividades do grupo e notícias de outras entidades do movimento negro. Nesse período, promove a Conferência Nacional do Negro, em 1949, e o 1º Congresso do Negro Brasileiro, em 1950. Em 1960, funda o Museu de Arte Negra.

Em 1968, o TEN encerra suas atividades devido ao exílio de Abdias, que dura 13 anos. Mas ele não se exila de sua produção intelectual: atua como conferencista e professor universitário e publica uma série de livros denunciando a discriminação racial. Ao retornar ao Brasil, elege-se para o cargo de deputado federal e, posteriormente, de senador da República. Nessa mesma época, funda o Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro) na PUC-SP, tendo sido um dos responsáveis por tornar o 20 de novembro o dia oficial da Consciência Negra.

Abdias também foi um importante apoiador do Pan-Africanismo. “O intelectual se consolidou como um dos principais difusores da importância do Pan-africanismo no Brasil, acrescentando necessidades do negro brasileiro, Abdias fez uma síntese

das vertentes teóricas causando uma reação à permeabilidade da estrutura social brasileira”. (GUIMARÃES, 2005).

Com sua participação nas conferências que tratavam do Pan-africanismo, Nascimento discursava para a conciliação das ideias e para o avanço de pensamento. Seu desejo era ver tais ideias transformadas em ações. No prefácio do livro *O Brasil na Mira do Pan-africanismo*, Carlos Moore fala da importância do autor para esse movimento:

Abdias do Nascimento desempenhou um importante papel de conciliação entre as três grandes vertentes do pan-africanismo. Hoje, não tenho dúvida de que isso só foi possível porque ele mesmo portava em si próprio, de maneira harmônica, essas três vertentes políticas. Homem do século XX, na virada do século XXI ele já era o esboço de um pan-africanismo futuro; um amplo movimento político baseado no respeito às diferenças entre povos, culturas, civilizações e gêneros (MOORE, 2002 p. 32).

Foi nesse período que Abdias cria o conceito de quilombismo que traz a visão do quilombo para o presente, mas com ações práticas, “ideia-força”, “energia” “um conceito científico emergente do processo histórico-cultural das massas afro-brasileiras” (NASCIMENTO 1980) que visa promover a justiça social e a igualdade, além de sugerir pesquisa, crítica e reflexão constantes sobre o passado e o presente das condições de vida da população de origem africana no Brasil.

Um dos maiores frutos desta experiência internacional com os pan-africanistas foi a obra *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista* (1980).

Nesta obra, Abdias reinventa a ordem social. Neste sentido, a teoria quilombista foi além de uma ação prática contra o racismo e se tornou instrumento político em prol de uma sociedade multi-identitária, culturalmente plural e democrática. Desta forma, Abdias deu sua contribuição para uma teoria social antirracista, conferindo, através destes conceitos, premissas e orientações que ainda regem o movimento negro contemporâneo brasileiro. (NUNES, 2018, p 225).

O Quilombismo de Abdias do Nascimento, conceito científico histórico-social que dá nome à um de seus livros, define o que deve representar hoje a resistência realizada pelos negros na época da escravidão. O registro inicial do quilombismo mostra-se como um “conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira”. A citação corresponde ao título de um ensaio, redigido em 1980 como proposta “aos seus irmãos e irmãs afrodescendentes no Brasil e nas Américas”, manifesto em que Abdias do Nascimento ressalta como a memória do afrodescendente brasileiro vem sendo sistematicamente agredida e apagada (NASCIMENTO, 1980, p. 204).

O pesquisador propõe a criação de um Estado Nacional Quilombola antirracista, livre, justo e soberano, baseado no modelo palmarino, cuja finalidade básica seria promover a felicidade do ser humano. Por outro lado, para que o negro recuperasse sua memória – a história perdida de seus antepassados e da cultura africana – bem como fosse capaz de dimensionar mais verídica e justamente sua contribuição para a construção da pátria brasileira, ele propôs mecanismos para a mobilização e

organização do negro, de forma a fomentar a “pesquisa, crítica e reflexão constantes sobre o passado e o presente das condições de vida da população de origem africana no Brasil” (Ibidem, p. 215).

O que Abdias nos traz é a aplicação do que Beatriz pontuou na configuração do quilombo, porém em ações práticas. Para ele, o quilombismo é um legado que devemos continuar:

Os quilombolas dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII e XIX nos legaram um patrimônio de prática quilombista. Cumpre aos negros atuais manter e ampliar a cultura afro-brasileira de resistência ao genocídio e de afirmação da sua verdade. Um método de análise, compreensão e definição de uma experiência concreta, o Quilombismo expressa a ciência do sangue escravo, do suor que este derramou enquanto pés e mãos edificadores da economia deste país. Um futuro de melhor qualidade para as massas afro-brasileiras só poderá ocorrer pelo esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, tanto das massas negras como das inteligências e capacidades escolarizadas da raça para a enorme batalha no fronte da criação teórico-científica. Uma teoria científica inextricavelmente fundida à nossa prática histórica que efetivamente contribua à salvação do povo negro, o qual vem sendo inexoravelmente exterminado (Ibidem, p. 264).

Na publicação sobre o quilombismo, o autor denuncia a situação do negro no país, marcando o descaso e abandono com que a população negra é tratada após a abolição, como já apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho. Após esse momento,

ele relembra a luta dos quilombolas: “Os quilombos resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativo e da organização de uma sociedade livre. A multiplicação dos quilombos fez deles um autêntico movimento amplo e permanente.” (Ibidem, p. 255). Todos os levantes quilombolas, na visão de Abdias, cumpriram uma importante função social para o povo negro, desempenhando um papel relevante na sustentação da continuidade da cultura africana no Brasil.

Já transportando para nossos dias, ele ressalta que os quilombos são:

Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochês, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade; dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os ‘ilegais’ foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta práxis afro-brasileira, eu denomino de quilombismo (Ibidem).

O fato de diversas instituições resgatarem o quilombo como símbolo de resistência representa o fator dinâmico que esse movimento do passado confere hoje: uma visão de progresso da comunidade negra brasileira de origem africana. “O quilombismo tem se revelado fator capaz de mobilizar disciplinadamente as massas negras por causa do profundo apelo psicossocial

cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência dos afrobrasileiros.” (Ibidem.) Para ele, é o quilombismo que oferece um modelo de organização dinâmica para a população negra; esse modelo, no entanto, está em constante revitalização e pode ser percebido em todos os meandros da vida negra brasileira.

O quilombismo é anti-imperialista e conectado com as ideias do pan-africanismo no que diz respeito ao conceito científico, histórico e social. “A raça negra conhece na própria carne a falaciosidade do universalismo e da isenção dessa ‘ciência’. Aliás, a ideia de uma ciência histórica pura e universal está ultrapassada. O conhecimento científico que os negros necessitam é aquele que os ajude a formular teoricamente - de forma sistemática e consistente - sua experiência de quase 500 anos de opressão.” (Ibidem, p. 261). Nesse caso, Abdias expõe o que conhecemos hoje como “lugar de fala”, ou seja, o protagonismo negro para contar sua história e problematizar sua existência, e não a realização disso apenas pela ótica do branco.

Beatriz Nascimento já afirmara e Abdias também ressalta a sua visão do quilombo: “Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico.” (Ibidem, p. 263).

Após colocar a ciência, o quilombo e os quilombolas em seus devidos lugares, Abdias propõe uma série de ações para que o quilombismo seja implementado nos dias de hoje, como, por exemplo, o *ABC do*

Quilombismo, em que ele utiliza cada letra do abecedário para enfatizar um ícone da cultura afro-brasileira, denunciar ações discriminatórias ou sugerir atos para a aplicação do quilombismo na atualidade, ou o que ele chama de as “várias lições que o quilombismo tem fornecido”. Separo algumas letras para exemplificar a dinâmica desse abecedário:

f) Formar os quadros do quilombismo é tão importante quanto a mobilização e a organização das massas negras.

g) Garantir às massas o seu lugar na hierarquia de Poder e Decisão, mantendo a sua integridade etnocultural, é a motivação básica do quilombismo.

l) Livrar o Brasil da industrialização artificial, tipo “milagre econômico”, está nas metas do quilombismo. Neste esquema de industrialização o negro é explorado a um tempo pelo capitalista industrial e pela classe trabalhadora classificada ou “qualificada”. O que importa dizer que o negro, como trabalhador “desqualificado” ou sem classe, é duplamente vítima: da raça (branca) e da classe (trabalhadora “qualificada” e/ou burguesia de qualquer raça). O quilombismo advoga para o Brasil um conhecimento científico e técnico que possibilite a genuína industrialização que represente um novo avanço de autonomia nacional. O quilombismo não aceita que se entregue a nossa reserva mineral e a nossa economia às corporações monopolistas internacionais, porém tampouco defende os interesses de uma burguesia nacional. O negro africano foi o primeiro e o principal artífice da formação econômica do país e a riqueza nacional pertence a ele e a todo o povo brasileiro que a produz.

z) Zumbi: fundador do quilombismo. Zumbi: zênite desta hora histórica, zênite deste povo negroafro-brasileiro.” (Ibidem, p. 270, 271, 275).

Didaticamente, assim como no *ABC do Quilombismo*, Abdias cita 16 itens explicativos sobre o que é o quilombismo, o que ele chama de “alguns princípios e propósitos do quilombismo”. Nesse trecho do livro, a ênfase é posta nas diretrizes do quilombismo para a organização política dos negros; projetos de acesso à educação; orientações sobre o trabalho assalariado, a produção agrícola e industrial realizada pelas mãos dos negros; perspectivas para a ocupação coletiva da terra; orientação para a discriminação racial e religiosa sofrida; além de questões jurídicas que envolvem o povo negro. Em suma, orientações para a promoção do quilombismo na prática, envolvendo todas as áreas essenciais para a existência digna do negro na sociedade brasileira. Vide, por exemplo, o que diz o item 8 dessas diretrizes:

8. Visando o quilombismo a fundação de uma sociedade criativa, ele procurará estimular todas as potencialidades do ser humano à sua plena realização. Combater o embrutecimento causado pelo hábito, pela miséria, pela mecanização da existência e pela burocratização das relações humanas e sociais, é um ponto fundamental. As artes em geral ocuparão um espaço básico no sistema educativo e no contexto das atividades sociais da coletividade quilombista (Ibidem, p. 276).

Por fim, Abdias ainda propõe uma programação para o que ele chama de Semana da Memória Afro-brasileira. A sugestão é que a semana seja sempre

realizada nos dias que antecedem o 20 de Novembro, findando na data contemplativa a morte de Zumbi e fixada no calendário como dia da Consciência Negra no Brasil. Nessa parte do capítulo que trata do quilombismo, o autor fala da importância de utilizar a semana inteira para um resgate da memória afro-brasileira.

Durante esta Semana serão focalizados e iluminados os sucessos passados nos quais foram protagonistas aqueles 300 milhões de africanos retirados, sob violência, de suas terras e trazidos acorrentados para o continente americano. (...) A Semana deve aliar aos aspectos comemorativos uma constante pesquisa, crítica e reflexão sobre o passado e o presente das condições de vida das massas de origem africana no Brasil. (...) Basicamente, esta “Semana da Memória” está sendo concebida como uma ferramenta operativa no campo da ação (mobilização e organização), combinada ao setor da especulação, da teoria, da formulação de princípios, das análises, definições, etc. Em outras palavras, quero dizer que a Semana deve ser um exercício de emancipação e nunca uma comemoração convencional, estática e retórica, que proponha unicamente a evocação de fatos, datas e nomes do passado (Ibidem, p. 278).

Quilombos

É o conceito deste último autor que vamos utilizar para analisar a programação do mês de maio de 2018 dos quilombos Terça Afro e Aparelha Luzia.

O quilombo urbano Aparelha Luzia

Na rua Apa, número 78, no bairro de Campos Elísios, na região central da cidade de São Paulo, localiza-se o galpão que abriga o quilombo Aparelha Luzia. Coordenado por Erica Malunguinho, mulher trans, nordestina, negra e agora eleita deputada estadual de São Paulo.

Ali existe e resiste um quilombo urbano pensado para abrigar, acolher e reconhecer corpos negros. Um centro cultural e político que em 2018 completou 2 anos. O nome não é um acaso:

Aparelhos eram apartamentos ou casas onde ativistas que resistiam à Ditadura Militar se encontravam clandestinamente, faziam reuniões ou se refugiavam. Luzia, por sua vez, é o nome do fóssil mais antigo já encontrado na América, datado em cerca de 13.000 anos. Descoberta em Minas Gerais, ela tinha traços e fenótipos negros muito antes do início do tráfico de escravos no século XVI (El País, 13 de novembro de 2017¹).

Com uma programação que abrange várias vertentes da cultura negra, o espaço tem também um compromisso com discussões políticas que envolvam o universo do negro no Brasil. Pesquisadores internacionais, como o famoso neurocientista Carl Hart, já estiveram no quilombo para falar sobre suas pesquisas com dependentes químicos. No período das campanhas eleitorais de 2018, o

espaço recebeu semanalmente debates com candidatos negros às vagas de deputados estaduais e federais.

O local se tornou uma referência importante para os corpos negros na cidade que buscam um espaço em que se sintam confortáveis e acolhidos. A programação do local não é escolhida ao acaso; no Aparelha Luiza, sempre há a circulação de ideias negras com referência à cultura, à identidade e a histórias ancestrais. O pensamento crítico e político sobre a condição dos negros e dos LGBTQS+ é lembrada com frequência para trazer consciência para os presentes sobre a importância daquele espaço de resistência.

O quilombo urbano Terça Afro

O Terça Afro nasceu em 2012 onde hoje se encontra o Centro Cultural da Juventude, mas que já abrigou a Casa de Detenção do Carandiru. Jovens monitores do espaço sentiram a necessidade de reunirem-se com outros jovens, adultos e crianças negras para formarem uma roda de conversa sobre questões da negritude.

Atualmente, esse quilombo urbano abre sua roda de conversa quinzenalmente, às terças-feiras, na rua Rua Antônio Botto, 212, Vila Centenários, na Zona Norte da cidade de São Paulo. O objetivo é manter um canal de discussão sobre questões que fazem parte da realidade da população negra do Brasil, e o espaço tem se tornado referência em termos de diálogo, formação e variadas possibilidades de compartilhamento a

¹ https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/01/cultura/1509557481_659286.html - Acesso em 05/11/2018

respeito da história e cultura negra com o objetivo da promoção de saberes.

A coordenação do espaço é realizada por jovens negros e eles organizam a programação das terças, sempre em roda, possibilitando que o negro esteja em evidência e tenha seu espaço de fala garantido. Na contramão dos tradicionais espaços de saberes, onde normalmente não há protagonismo negro, no Terça Afro esse espaço é reservado ao negro:

A circularidade e as rodas de conversa realizadas no Terça Afro são uma identidade forte do projeto, mas que não têm em si apenas um elemento estético; muito pelo contrário; entendemos a circularidade como um elemento que possibilita uma outra dinâmica pedagógica. Através da roda, altera-se o conceito de “debate” pelo conceito de “troca” (SILVA e GUELEWAR; 2016, p. 19).

No galpão onde se forma a roda já aconteceram diversos projetos, como, por exemplo, um curso de educação financeira, um espaço de estudos, uma biblioteca, cursos de escrita, de autocuidado, práticas alimentares e corporais, além do curso das PLP - Promotoras Legais Populares, promovido atualmente pelo Geledés em conjunto com a Pastoral da Mulher, que formam participantes para desempenharem o papel de promotoras legais nos lugares em que moram.

Programação de maio de 2018

No dia 13 de maio de 2018, completaram-se 130 anos do fim da escravidão no Brasil. Antes e durante 1888, houve muita

luta também, mas frequentemente se atribui a data apenas à simples assinatura benevolente de um documento. Alguns dados que elucidam essa luta são as frequentes fugas organizadas por escravizados, o aumento dos quilombos e os números do primeiro censo brasileiro, o único a censurar a população escrava, que contabilizou pouco menos de 10 milhões de habitantes, dos quais 84,7% eram cidadãos livres e 15,3%, escravos, sendo que o número de negros e pardos chegava a 62% da população: “dezesseis anos antes da Abolição, havia 4,2 milhões negros e mestiços livres e apenas 1,5 milhões de escravos” (KLEIN, 2012, p. 107).

Como já salientamos anteriormente, no passado o quilombo foi um espaço de organização, resistência e fraternidade negra, e nunca teve destaque na história do país, mas podemos dizer que foi o principal responsável para que a Abolição se tornasse realidade. Devido a esse “esquecimento” na narrativa histórica oficial, é de suma importância elucidar a grandiosidade desse movimento e tudo o que ele representou para o 13 de Maio.

Vamos observar agora a programação divulgada pelo quilombo urbano Aparelha Luzia no mês de maio de 2018. Na página do espaço no Facebook, foram divulgados, ao todo, 13 diferentes eventos no mês de maio, a saber:

- 4/05 – As rainhas que foram abrilhantar no Orum – samba em homenagem à Dona Ivone Lara e Raquel Trindade, além da roda de conversa “Direitos Valem Mais, Não aos Cortes Sociais”².

² <https://www.facebook.com/events/1802845983113762/>

- 10/05 – Ciclo de diálogos das Artes Visuais Negras em SP: Olhos Que Giram – encontros com artistas e pesquisadorxs em artes visuais, traçando os percursos que nos enveredam para o conjunto de significantes inerentes ao conceito estético político das Negras Artes³.
- 11/05 – Hora do Show com Marcelo Magano, Patrick Sonata e DJ Hever Alvz – Os humoristas, inspirados nos comediantes norte-americanos, falam da vivência na Cidade de Deus e contam histórias de vida na cidade do Rio de Janeiro⁴.
- 12/05 – Macumba de Apartamento por Ananda Jacques – show autoral que discorre sobre a resistência das práticas religiosas de matriz africana dentro do espaço urbano, além de abordar questões recorrentes às mulheres e, principalmente, às mulheres pretas⁵.
- 18/05 – Acústico com Gê de Lima – versão acústica do show da artista⁶.
- 19/05 – Aparelha Luzia recebe Cris SNJ – considerada a Pioneira do Rap Cris SNJ apresentou o trabalho “Evoluindo Através dos Tempos”⁷.
- 23/05 – Etnicogolpe: Relatos de Afetividades Pretas – debate e registro de lutas com Erika Hilton, Mariléa de Almeida, Preta Rara e Ozzy Cerqueira⁸.
- 24/05 – Lançamento da Campanha de Assinaturas do Alma Preta – ressaltou a ação do Alma Preta enquanto portal de mídia negra na defesa dos interesses da comunidade negra e convocou ativistas antirracismo para colaborarem com as assinaturas do Alma Preta⁹.
- 25/05 – Lançamento do EP - Cabeça de Nego - Du Kiddy – Show do artista cujo EP tem o objetivo de ser também uma arma no combate ao racismo e se incorpora à sua luta antirracista¹⁰.
- 26/05 – Dos quilombos às favelas – diálogo sobre cultura política de favela, e a continuidade das formas como historicamente o povo negro se aquilombou e resistiu, existindo¹¹.
- 26/05 – Dia da África na Aparelha Luzia – show e discoteca em comemoração dos 55 anos da instituição do dia da África pela ONU no ano de 1972¹².
- 27/05 – Pagode CC90 Feminageia Dona Ivone Lara – show para relembrar grandes canções da década de 90 e canções de Dona Ivone Lara¹³.
- 30/05 – Ciclo de diálogos das Artes Visuais Negras em SP: Olhos Que Giram –

3 <https://www.facebook.com/events/1007656429388629/>

4 <https://www.facebook.com/events/1584685851628797/>

5 <https://www.facebook.com/events/171888396857871/>

6 <https://www.facebook.com/events/174248793289332/>

7 <https://www.facebook.com/events/232685224167241/>

8 <https://www.facebook.com/events/430139747411204/>

9 <https://www.facebook.com/events/2096091330418809/>

10 <https://www.facebook.com/events/182741102545464/>

11 <https://www.facebook.com/events/194361561203969/>

12 <https://www.facebook.com/events/796431160553860/>

13 <https://www.facebook.com/events/212151919387971/>

encontros com artistas e pesquisadores em artes visuais, traçando os percursos que enveredam para o conjunto de significantes inerentes ao conceito estético político das Negras Artes¹⁴.

Seguindo a programação quinzenal do quilombo urbano Terça Afro, o espaço divulgou em sua página na rede social Facebook as duas atividades listadas abaixo¹⁵:

- 08/05 - “Eu Empregada Doméstica”: Processos Pós Abolição e as relações de trabalho doméstico - Roda de conversa com Preta Rara para tratar da questão dos trabalhos domésticos que advêm dos pós-abolicionismo e *pocket show* da banda Mental Abstrato.
- 22/05 - As perspectivas sociais após os 130 anos da “abolição” da escravatura - roda de conversa com Vilma Reis que trouxe uma visão social dos 130 anos da abolição.

Conclusão

Os quilombos analisados neste artigo parecem ter assimilado o conceito de quilombagem apresentado por Clóvis Moura, no sentido de compreender que os quilombos na época da escravidão foram locais de grande resistência negra frente ao regime imposto e que aqueles focos de resistência representaram a grande força que impulsionou a

decisão pela Abolição, em 1988. Isto sustento ao passar em análise as diversas discussões nos espaços, que convergem para um foco de resistência e conquista de objetivos e de luta contra os padrões opressores impostos pela sociedade atual.

Passando pelos conceitos apresentados por Beatriz Nascimento, é nítido que tanto o quilombo Terça Afro, quanto o quilombo Aparelha Luzia aplicam em seus territórios as teorias elaboradas pela historiadora. Podemos ver, nos dois ambientes, um espaço de liberdade para os corpos negros. Nesses espaços, os negros podem olhar para o passado de forma a ter orgulho do que representa a luta quilombola e ressignificar esse passado. Neles, que se autodenominam espaços quilombolas, impera a liberdade e o respeito pelos negros, por sua cultura, história e memória. Respaldados pelos conceitos de Beatriz Nascimento, eles se caracterizam genuínos quilombos urbanos.

Mas é na teoria do quilombismo de Abdias do Nascimento que consigo perceber maior correspondência entre os espaços e a teoria apresentada pelo autor. Vejo, nos dois quilombos estudados, o conhecimento científico do quilombo aplicado por meio dos debates e discussões que os espaços promovem. Eles colocam o quilombo em ação, que é o que propõe Abdias em sua teoria. Essa aplicação se dá tanto no campo político, quanto no campo simbólico, cultural, das artes e da memória negra. Muitos dos itens apresentados no *ABC do Quilombismo*, bem como nas diretrizes e até mesmo na programação da Semana da Memória, acham-se em plena realização nesses dois espaços quilombolas nos dias de hoje.

¹⁴ <https://www.facebook.com/events/693189331072623/>

¹⁵ <https://www.facebook.com/events/1614313622022125/>

Espaços como esses, de afeto para os corpos negros, dão continuidade às teorias apresentadas por esses autores; neles reconhecemos a genuína imagem dos quilombos da África, da época da escravidão, do simbolismo e da ação quilombista.

A dedicação para a seleção do que será discutido nesses espaços, que refletem as discussões em evidência na sociedade, tornam esses lugares atuais e de produção de grande reflexão sobre a vivência do negro. Assim, o Terça Afro produz uma ciência negra por meio da tecnologia da roda.

Proporcionar ao corpo negro um espaço para que ele se expresse de forma genuína e natural traz liberdade, não só para os corpos, mas também para as vidas que, fora dali, precisam conter suas pulsões para se adequarem à realidade social imposta. Assim, o Aparelha Luzia propicia um contato cinestésico da cultura e da memória africana, afro-brasileira e negra dentro do seu espaço.

É interessante observar que as proposições de Abdias do Nascimento articulam-se muito bem como o que vem promovendo, na prática, os quilombos Aparelha Luzia e Terça Afro, não somente na semana que antecede o 20 de Novembro, mas na programação anual desses espaços. Os dois quilombos, de certa forma, nasceram para colocar em prática o legado deixado por Abdias do Nascimento.

Ao longo dos 365 dias do ano, os dois espaços se apresentam como uma “reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (NASCIMENTO, 1980, p. 227), empenhando ações de resistência, como propõe o conceito de quilombismo para superar o racismo por meio da conscientização e valorização da cultura afro-brasileira.

No tocante ao recorte de data da análise, no que concerne a “pesquisa, crítica e reflexão constantes sobre o passado e o presente das condições de vida da população de origem africana no Brasil” (*ibidem*, p. 227), podemos observar, principalmente na programação do quilombo Terça Afro, uma maior dedicação à apresentação formal dessa pesquisa com o intuito de debate das ideias e conteúdos apresentados pelos estudiosos do tema que compartilham seus conhecimentos. Já as experiências sensoriais que o Quilombo Aparelha Luzia proporciona aos participantes, por meio da culinária, música, dança, arte, faz com que sua programação promova a reflexão em diferentes linguagens.

O quilombo Aparelha Luzia apresenta-se como um espaço para o qual o 13 de Maio é evento superado, e vislumbra o futuro das discussões sobre a negritude com vistas para “manter e ampliar a cultura afro-brasileira de resistência ao genocídio e de afirmação da sua verdade” (*Ibidem*, p.263).

O quilombo Terça Afro, com sua proposta mais pedagógica e de formação, busca empreender um “esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, tanto das massas negras como das inteligências e capacidades escolarizadas da raça para a enorme batalha no fronte da criação teórico-científica” (*ibidem*, p.263). ■

[PAULA CAROLINA BATISTA]

Jornalista, especialista em Mídia Informação e Cultura pelo Celacc-USP e mestranda no programa de pós-graduação em divulgação científica e cultural da Unicamp.

E-mail: paulabatista.jor@gmail.com

Referências

CARNEIRO, Edson. **Singularidades dos Quilombos**, in: Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil. Clóvis. Moura (org). Maceió: EDUFAL, 2001.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de apoio a Universidade de São Paulo. Ed. 34, 2005.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Herança quilombola: Negros, Terras e Direitos** in: Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil. Clóvis. Moura (org). Maceió: EDUFAL, 2001.

KLEIN, Herbert S. **A experiência afro-americana numa perspectiva comparativa. A questão atual do debate sobre a escravidão nas Américas**. Salvador: *Afro-Asia*, num. 45, 2012, [Links].

MOORE, Carlos. **Prefácio: Abdias do Nascimento e o surgimento de um pan-africanismo contemporâneo global**. Pág. 17-32, in: O Brasil na Mira do Pan-africanismo. Salvador: EDUFBA: CEAO, 2002.

MOURA, Clóvis. **História do Negro no Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

_____ (org): **Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do Quilombo na África**. São Paulo: Revista USP, num 28, dezembro/fevereiro 95/96.

NUNES, Tailane Santana. **Pan-Africanismo E Libertação. A Luta Anti-Colonial de Abdias do Nascimento**. Revista Idealogando, v. 2, n. 1, 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica - sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

SILVA, Ana Caroline da; GUELEWAR, Whellder: **Terça Afro - Território de afetos**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2016.